



Como o Jornal Nacional divulga a Ciência¹

Larissa Barros de ALENCAR²

Isaltina Maria de Azevedo Mello GOMES³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O presente trabalho analisa de que forma se dá a presença de reportagens que tratam de ciência no Jornal Nacional (JN), da rede Globo de televisão. A partir da observação das matérias exibidas pelo telejornal, de 1º de janeiro a 31 de março de 2007, estabelecemos uma categorização abrangente, cujo critério preponderante é a apresentação de informação capaz de contribuir para o desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil. Nossos resultados apontam principalmente para o fato de ser a opinião do cientista, e não suas descobertas e estudos, o centro da abordagem científica.

Palavras-chave: divulgação científica; telejornalismo; televisão

Introdução

Este trabalho analisa de que forma se dá a presença de reportagens que tratam de ciência no telejornal de maior audiência no Brasil, o Jornal Nacional (JN), da Rede Globo de Televisão. Partimos do pressuposto que a divulgação do conhecimento científico é extremamente relevante nas sociedades democráticas. Também entendemos que a televisão, sendo a principal mídia informativa do país, não poderia estar apartada de seu papel social de contribuir para o desenvolvimento de nossa sociedade. De acordo com Guerra (2004, p.20), tornar público o conhecimento produzido nas denominadas “comunidades científicas”

tem por fundamento uma missão bastante democrática: levar os conhecimentos científicos para além dos limites da comunidade onde são produzidos, para o público amplo, desprovido, em geral, dos conhecimentos teóricos e metodológicos de que a ciência lança mão em sua rotina de construção do saber.

A maneira de fazer jornalismo em televisão parece se chocar com a definição que adotamos para divulgação científica, que leva em consideração principalmente a popularização dos avanços e métodos científicos. Além do mais, as características de padronização, superficialização e espetacularização da notícia em televisão, utilizando-se de apelos estéticos, emocionais e sensacionais, como explica Marcondes Filho (1986,

¹ Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Concluinte do Curso de Jornalismo da UFPE, e-mail: larybe@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPE, e-mail: isaltina@gmail.com



p. 13), geram dúvidas em relação à maneira como, nesse meio, os progressos da ciência são veiculados.

Em estudo que comparou telejornais de duas redes de televisão brasileiras e uma norte-americana, Andrade (2004) avaliou o espaço dedicado a informações sobre ciência e tecnologia e chegou a conclusões otimistas.

É através da mediação feita pelos jornalistas que a informação sobre os avanços da ciência e da tecnologia [...] chega à maioria da população brasileira pelos telejornais. [...] Contrariando outra das hipóteses que deram origem a este estudo, a análise dos telejornais evidenciou que esses programas abordam temas de ciência e tecnologia com maior assiduidade e abrangência do que se pode supor à primeira vista e que o cientista aparece na televisão muito mais do que se imaginava. (ANDRADE, 2004, p. 208).

A nosso ver, a autora amplia por demais o conceito de divulgação científica ao sugerir que se “o cientista aparece” já é uma forma de divulgar a ciência. Considerarmos que não há divulgação científica efetiva quando um pesquisador simplesmente “aparece” em uma matéria ou quando termos científicos flutuam em meio ao texto jornalístico.

Portanto, é válido questionar se o espaço dos telejornais dedicado à divulgação científica é suficiente para que o cidadão seja realmente informado. Acreditamos que, para a divulgação da ciência, seus avanços e processos, fatores como a necessidade de uma apuração mais cuidadosa, com maior rigor, e, conseqüentemente, a demanda de um tempo maior para a apuração e produção das matérias, constituem uma barreira importante para que a informação sobre ciência seja prioritária.

Embasamos nossa análise nos estudos de Maingueneau (2005, 2006), que partem da inseparabilidade entre o texto e o quadro social de sua produção e circulação. Neste trabalho, o desafio é não cair na tentação de ceder às características próprias da produção televisiva (prazos apertados, dificuldades de diálogo e de disponibilidade na relação com os cientistas e a própria complexidade dos temas de ciência) para inserir qualquer “aparição” da ciência no telejornal em nosso corpus.

Foi de Maingueneau (2006) que absorvemos o conceito de “cena da enunciação”, indispensável à nossa análise. O autor acredita que:

O locutor de um gênero de discurso cotidiano, assim como o professor que dá uma aula ou o jornalista que redige um *fait divers*, trabalha no interior de um quadro preestabelecido que sua enunciação não pode modificar (p. 47).



Quando um repórter de televisão indica ao cientista convidado a participar de uma matéria que ele se sente em frente a seus livros, diante do computador ou finja usar o microscópio no momento da captação das imagens, os atores sociais estão construindo uma cenografia que completa o significado do texto verbal. Em televisão, a imagem também constrói o discurso. Nesse caso, reproduzindo o estereótipo do cientista e, portanto, lançando mão de sua autoridade.

Jornal Nacional como foco

Um mergulho no website da rede Globo⁴ na internet e tivemos acesso às edições integrais do Jornal Nacional que foram ao ar de 1º de janeiro a 31 de março de 2007. Em 78 edições avaliadas, 88 matérias foram selecionadas, perfazendo um total de 39 horas de programa, que constitui o corpus analisado. É importante deixar claro que as matérias selecionadas foram resultado de uma preocupação constante: constituir um corpus que atendesse à definição de divulgação científica por nós adotada e ao tipo de produção tipicamente telejornalística.

A análise desse material incluiu a observação das áreas de conhecimento abordadas, da instituição de origem da pesquisa ou do pesquisador, da nacionalidade da pesquisa ou do pesquisador, e, mais importante, das características específicas do discurso de jornalistas e cientistas veiculado nessas matérias. Dessa observação, identificamos seis (6) categorias de inserção de matérias sobre ciência no JN: *Pesquisa como foco*, *Pesquisa como referência*, *Evento científico*, *Curiosidades*, *Pesquisa como coadjuvante*, *Especialista-opinador*.

A primeira categoria identificada – e a que nos é mais cara – *Pesquisa como foco* tem como tema principal uma investigação acadêmica desenvolvida por universidades e instituições de pesquisa. O texto do repórter geralmente dá mais destaque aos resultados alcançados, mas também apresenta um resumo da metodologia, ressaltando a possibilidade de aplicação prática e a melhoria da qualidade de vida no futuro.

As matérias do tipo *Pesquisa como foco* encarnam o que imaginamos como ideal para uma reportagem de divulgação científica, pois aborda a ciência como processo. São matérias que têm como razão de existir uma investigação acadêmica desenvolvida por universidades e instituições de pesquisa. Geralmente, têm como

⁴ www.globo.com

gancho a divulgação dos resultados finais do estudo. Ainda assim, as fases do processo científico aparecem, bem como a metodologia adotada. Na intenção de trazer o mundo da ciência para mais perto do telespectador, são recorrentes metáforas e grande atenção é dada às possíveis aplicações práticas da pesquisa. Números e infografias são recorrentes. Outra característica desse tipo de matéria é a presença da fala do cientista, normalmente explicando melhor a metodologia ou dando a perspectiva social dos avanços alcançados.

Deve-se ressaltar que os resultados das pesquisas são geralmente apresentados como infalíveis. Tome-se o caso da reportagem de abertura do JN do dia 1º de fevereiro de 2007. Tratava-se do relatório da ONU sobre o aquecimento global no planeta. O texto, focado nas alarmantes previsões que resultaram do estudo de dois mil cientistas, traz uma entonação pessimista. O tom é catastrófico. Na frase de abertura, a repórter Sônia Bridi diz: “O planeta vai ficar mais quente e a culpa é nossa”. E ela segue: “Os oceanos vão subir de 28 a 43 centímetros”, “Vamos ver cada vez mais o clima em situações extremas”, “O aquecimento será sentido mais no hemisfério norte”, enfatizando na escolha das palavras usadas na construção das frases uma certeza de que os eventos previstos se concretizarão. Não faz parte do texto nenhum modalizador do tipo “possivelmente” ou “talvez”.

A estratégia de utilização da voz do cientista como recurso à autoridade, moeda de credibilidade comum a todos os tipos de matérias verificados, é, nesse caso, equivocada. A fala do cientista vem apenas no finalzinho da matéria e pouco acrescenta ao desastre previsto ao longo daqueles 2 minutos e 52 segundos. Ela serve para confirmar tudo o que já havia sido dito. Mas não só para isso. As imagens do pesquisador em frente aos supercomputadores utilizados na pesquisa e já citados por Sônia Bridi tomam 20 segundos da matéria e são indispensáveis para a construção da idéia de ciência.

Outro recurso utilizado para auxiliar na conquista da confiança do telespectador é a repetição do nome da instituição de pesquisa, que é tantas vezes mais repetido quanto maior o prestígio da entidade. No caso da Onu, que coordenou a pesquisa, sua sigla é citada na cabeça e lembrada ao longo do texto, além de identificada nos créditos do pesquisador.

É importante destacar que na construção cenográfica dessas reportagens, os computadores são a principal imagem que se liga à do cientista. Estantes com livros também são pano de fundo bastante utilizado na tentativa de despertar na audiência o



respeito que o estereótipo do cientista suscita. No caso de pesquisas laboratoriais, as cenas de pesquisadores se debruçando sobre microscópios e de células se repartindo estão sempre presentes. Essa característica é válida para as seis categorias de inserção.

Numa segunda categoria identificada – *Pesquisa como referência* – a reportagem apenas retoma algumas informações de uma reportagem anterior, normalmente os resultados de uma pesquisa, para abordar um novo aspecto da realidade relacionada com o estudo.

No mesmo dia 1º de fevereiro de 2007, logo em seguida à matéria de Sônia Bridi, sobre o relatório da Onu, outra contava aos milhões de telespectadores do JN que os organizadores de eventos estavam ajudando a preservar o meio ambiente em São Paulo. Obviamente, a reportagem aproveitava o tema discutido anteriormente para fazer uma nova abordagem do assunto, centralizando, dessa vez, alternativas para minimizar o problema e situando essa realidade em nível nacional. Esse é o tipo de inserção da ciência que nós classificamos de “Pesquisa como referência”. O estudo da Onu, apresentado logo antes, abre as portas para a nova matéria. Nesses casos, mesmo que a pesquisa não seja citada nominalmente, está clara a ligação temática.

Na reportagem do dia primeiro, o cálculo da quantidade de gás carbônico lançado no ar por um evento, diz o repórter, foi feito por ambientalistas e os números e uma infografia explicando como reverter o efeito estufa surgem no meio da matéria. Nos últimos segundos, uma pesquisadora fala sobre a importância pedagógica de ações de cuidado ambiental por parte das empresas. Poucos foram os exemplos que encontramos desse tipo de inserção, apenas três em três meses de JN.

Evento científico foi a terceira categoria identificada, que, em tese, reuniria matérias sobre reuniões de estudiosos para discutir políticas e temas científicos (congressos, seminários, simpósios, etc). Embora apenas uma matéria tenha sido identificada no corpus analisado, resolvemos manter a categoria, uma vez que esse tipo de matéria, apesar de esporádica, é tem um valor inquestionável para a divulgação científica.

A única matéria encontrada no corpus foi ar em 8 de fevereiro de 2007. Seu foco era uma reunião de pesquisadores de diferentes instituições no interior de São Paulo para discutir o risco de áreas do Nordeste se tornarem desertos. Dois pesquisadores fazem previsões e dizem o que a ciência pode fazer pela área, partindo de conclusões já atingidas por estudos anteriores. Acreditamos que reportagens assim popularizam a ciência, e mostram que ela pode dar contribuições à sociedade.

Na categoria *Curiosidades* temos matérias em que temas científicos inusitados são explicados. As curiosidades aparecem na forma de matérias completas – com texto em off do repórter e sonoras⁵ –, ou, mais regularmente, como notas-vivo⁶. Essa última opção indica que os temas escolhidos são considerados dignos de menos espaço no telejornal, apesar de interessantes o suficiente para serem citados. Seus temas são normalmente inusitados, destacando ocorrências raras na natureza, tais quais cometas e animais exóticos.

Um exemplo pode ser encontrado na edição do JN do dia 22 de fevereiro de 2007, quando uma nota-vivo sobre uma lula gigante capturada por pescadores na Antártida levou 20 segundos em que dados científicos sobre “o maior ser invertebrado do planeta” eram apresentados. Fátima Bernardes, apresentadora do JN, diz: “Cientistas estimam que (a lula colossal) pode chegar a 14 metros de comprimento”, enquanto imagens da lula fazem parecer minúsculo um homem ao lado da piscina em que ela está nadando. A peculiaridade desse tipo é que a escolha de seus temas advém claramente de um interesse sensacionalista de espetacularizar os fatos.

Pesquisa como coadjuvante é uma categoria em que a investigação científica surge como uma parte da matéria, funcionando como o gancho inicial ou um dos argumentos. Assim, a amplitude da produção jornalística vai além da apresentação da pesquisa em si. Ou seja, o estudo está dentro de um contexto maior, a matéria não se restringe, portanto, à apresentação da pesquisa em si.

Uma matéria sobre preocupações ecológicas, em época de aquecimento global, usou como pano de fundo uma pesquisa da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto. Exibida em 21 de março de 2007, a reportagem trazia diversas opções para a reciclagem do óleo de cozinha como uma forma de não agressão ao meio ambiente. Depois de uma contextualização sobre caos ambiental em que estamos vivendo e de como o óleo de cozinha contribui para essa situação, a reportagem traz dicas de como reutilizar o material. É nesse momento que surge a pesquisa acadêmica que transforma o óleo em biodiesel. Para fechar, um ambientalista fala sobre o impacto do óleo jogado no lixo. Exemplo perfeito para essa categoria.

Por fim, a categoria *Especialista-opinador*, de grande recorrência no corpus analisado. Nela, observa-se a presença de um especialista opinando sobre o tema da matéria. Apesar de esse tipo de matéria não ter o avanço da ciência em seu centro, leva

⁵ Fala do próprio entrevistado que participa de uma matéria para televisão.

⁶ Texto curto, de no máximo 40 segundos, lido pelo apresentador e coberto por imagens ao vivo.

em si o discurso científico. São reportagens factuais em que a voz do pesquisador pode ser usada de duas maneiras: apenas como argumento de autoridade ou acrescentando uma interpretação relevante para o entendimento do assunto. Sua inclusão neste corpus deve-se a uma combinação de fatores: citação das instituições a que os pesquisadores estão ligados, uso de termos científicos e caracterização do ambiente de pesquisa.

De acordo com Maingueneau (2006, p. 34), o discurso científico é um tipo de discurso constituinte.

Os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade, eles são os fiadores de múltiplos gêneros do discurso. O jornalista às voltas com um debate sobre um problema social recorrerá muito naturalmente à autoridade do intelectual, do teólogo ou do filósofo [...]

Assim, nessa categoria, o pesquisador surge como a voz da ciência, interpretando fatos do dia-a-dia, oferecendo soluções aos problemas estruturais da sociedade, explicando o que ninguém consegue entender. Um dado curioso é que o tipo *Especialista-opinador* foi o que mais apareceu no período de observação: 39 entre as 88 matérias selecionadas ou 44,31% do total (cf. gráfico 1).

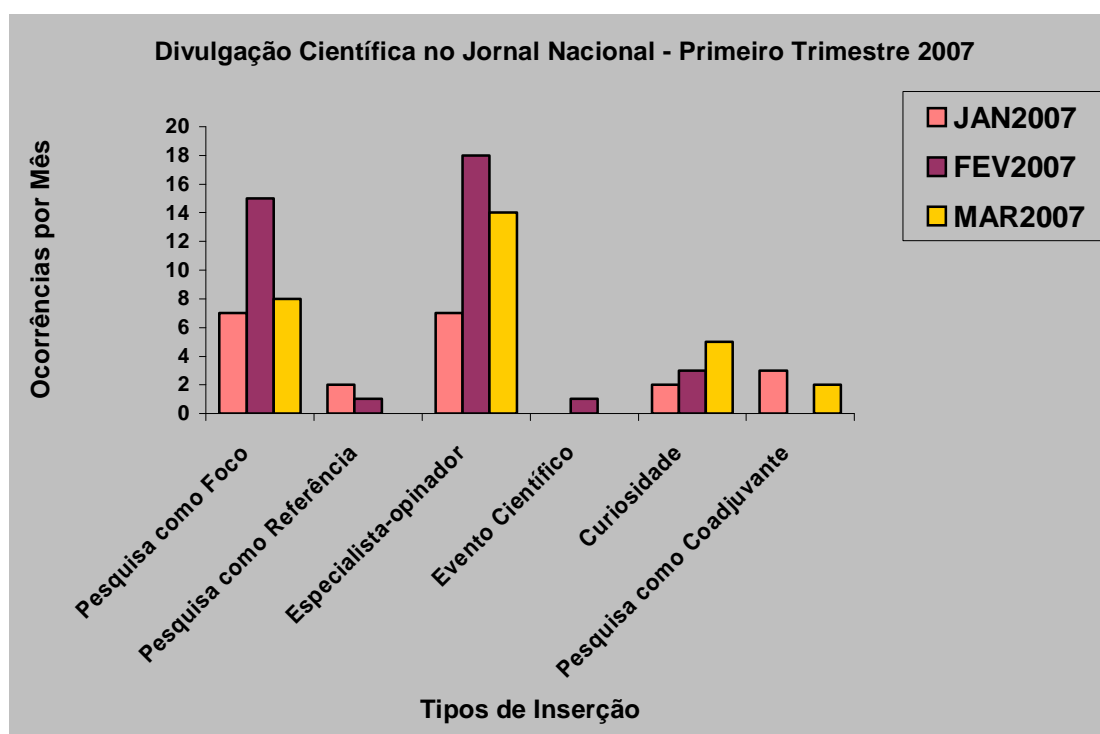


Gráfico 01 – Divulgação científica no Jornal Nacional no primeiro trimestre de 2007

Tomando como base o conceito “cena da enunciação” (MAINGUENEAU, 2005, 2006), avaliamos que, apesar de o discurso científico não ser, no caso dessa categoria, necessariamente provido de fundamentação científica, o total de suas características nos



habilita a dizer que há divulgação científica também em matérias em que o pesquisador dá seu parecer sobre um assunto do dia-a-dia.

São matérias factualizadas em que a presença do cientista serve, em muito, para prolongar as discussões sobre o tema. Bom exemplo disso é a cobertura do caso do menino João Hélio. A morte violenta de João Hélio Fernando Vieites, de seis anos, abalou o país e rendeu mais de uma dezena de matérias em que especialistas foram recrutados pelo JN para avaliar a situação da violência no Brasil sob os mais diversos ângulos.

O menino, que ficou preso ao cinto de segurança do veículo em que estava, foi arrastado por mais de sete quilômetros por ruas do Rio de Janeiro pelos assaltantes que roubaram o carro de sua mãe. O crime, ocorrido na noite de sete de fevereiro, abriu o JN no dia oito de fevereiro de 2007. No dia nove, uma matéria trazia ao Jornal Nacional uma antropóloga. A reportagem se baseava em números do Ministério Público do Rio de Janeiro que mostravam mudanças no cenário de crimes no estado. O que estaria uma cientista social fazendo ali? Ela levava o respaldo do seu título, convergia seus anos de estudo em 20 segundos em que dizia que “o que nós precisamos é de uma política de combate à violência e à criminalidade que seja realmente eficaz. Fazer com que menos e menos jovens, ao contrário do que acontece hoje, se sintam atraídos pelo dinheiro fácil e pelo poder das armas de fogo”. Essa opinião poderia ser emitida em coro por pedestres em qualquer avenida de qualquer grande cidade, mas, no JN, só um estudioso para validar tal julgamento.

Nas semanas que se seguiram, reportagens avaliaram questões ligadas à educação, às casas de recuperação para menores (já que um dos envolvidos no crime tinha 16 anos), às leis relacionadas, ao perfil dos jovens infratores e à insegurança nas grandes cidades e no interior. Tudo isso com a presença de cientistas à frente de seus livros e computadores, enfeitando matérias inteiras com frases de efeito e soluções levantadas há décadas por brasileiros de todos os tipos e nunca efetivadas. O senso comum abalizado pela autoridade de quem estuda.

Como resultado principal, pudemos observar, portanto, que, no tipo mais comum de inserção de ciência no material analisado, que denominamos *Especialista-opinador*, não é o avanço da ciência o centro da abordagem jornalística, mas a opinião do cientista, o seu discurso científico.

Aqui se pode afirmar que o recurso à autoridade sem dúvida tem grande peso na escolha jornalística por suas fontes. Percebe-se ainda que, quando um assunto é tão



relevante que prende a atenção do público mesmo não sendo a novidade do dia, a maneira mais fácil de retomá-lo é chamando um especialista a falar. Nesse caso, o alargamento do prazo para a produção da reportagem flexibiliza o formato primordialmente factual das matérias veiculadas pelos telejornais, dando tempo para que os especialistas no assunto sejam localizados e acionados.

Considerações finais

Em três meses de observação do Jornal Nacional, o mais assistido entre todos os programas de notícias diárias da televisão do Brasil, conseguimos categorizar seis tipos de inserção da ciência em matérias telejornalísticas. *Pesquisa como foco*, *Pesquisa como referência*, *Evento científico*, *Curiosidades*, *Pesquisa como coadjuvante* e *Especialista-opinador* foram os grupos formados a partir da diferenciação entre as matérias. Algumas similaridades podem ser citadas para todos os tipos. Uma delas é que a voz do estudioso surge cheia de verdade e autoridade. Em apenas uma, entre 88 matérias, a fala do cientista foi questionada.

Vimos ainda que a infalibilidade da ciência e suas características espetaculares são rotineiramente exploradas. Essa característica é mais marcante no tipo *Curiosidades*. Foi constatado também um esforço no sentido de divulgar a ciência de uma maneira didática, com a utilização recorrente de infografias e metáforas.

Um dado que nos chamou a atenção foi o fato de a ciência aparecer geralmente diluída nas opiniões dos pesquisadores sobre os temas do cotidiano. O cientista é chamado a explicar os problemas sociais e a oferecer soluções em 44,31% das reportagens selecionadas, grupo que chamamos *Especialista-opinador*. Nossa avaliação indica que a perspectiva do especialista sobre o assunto é o viés preferido de jornalistas para dar prosseguimento a um assunto já apresentado anteriormente (no dia anterior ou em uma mesma edição do telejornal).

Consideramos que o tipo de divulgação científica mais eficaz, aquele que realmente traz as conquistas, explicitando métodos e fases do processo científico, capacitando pesquisadores a falar diretamente a cidadãos comuns, ainda tem pouco espaço no Jornal Nacional. Apenas 34,09% das inserções são do tipo *Pesquisa como foco*. Com isso, concluímos que o cidadão que recorre somente a este telejornal como meio de informação está pobremente informado sobre os avanços da ciência.



Referências Bibliográficas

ANDRADE, L. V. B. **Iguarias na hora do jantar: o espaço da ciência no telejornalismo diário**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2004.

GUERRA, R. C. A. **O discurso sobre a ciência nas telenovelas: O Clone e Barriga de Aluguel**. Dissertação de Mestrado. Recife [PE]: UFPE, 2004, 134p.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: Jornalismo com produção social de segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. de Sírío Possenti. Criar, 2005.

_____. **Cenas da Enunciação**. Trad. de Sírío Possenti et al. POSSENTI, Sírío (org). Criar, 2006.

REDE Globo de televisão. **globo.com**. Disponível em: www.globo.com. Acesso em: 22 abr 2008.